

**TRABALHO, EDUCAÇÃO E REPRODUÇÃO SOCIAL  
NO PENSAMENTO DE ANTÔNIO GRAMSCI:  
ELEMENTOS TEÓRICOS PARA UMA NOVA PRÁTICA EDUCATIVA.**

**José Nilton Alves Pereira Júnior**  
Professor da rede federal de ensino- IFCE  
Mestre em Política e Gestão da Educação Superior- UFC  
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Ontologia Marxiana, Educação Presencial e  
Trabalho-OMEPT

**RESUMO**

Esse trabalho propõe discutir a importância de Antonio Gramsci para a construção de novas perspectivas frente ao avanço do projeto de educação unilateral do Estado capitalista. Fundamentada no materialismo histórico a pesquisa bibliográfica buscou nas obras clássicas de Marx, Lenin e, em especial Antonio Gramsci elementos teóricos para a interpretação da educação escolar como fenômeno fundamental para o desenvolvimento e hegemonia do capital quando, a partir disso, um novo horizonte se desenhe, contrapondo-se e discutindo uma contra-hegemonia à ofensiva praticista burguesa.

**Palavras-chave:** Trabalho. Educação. Reprodução Social.

**ABSCTRACT**

This work aims to discuss the importance of Antonio Gramsci to build new perspectives against the advance of one-sided education of the capitalist state project. Based on historical materialism the literature sought the classic works of Marx, Lenin, and especially Antonio Gramsci theoretical elements for the interpretation of education as a fundamental phenomenon for the development and hegemony of capital when, from that, a new horizon draw, counteracting and discussing a counter-hegemony on the offensive bourgeois practitioner.

**Key words:** Work. Education. Social reproduction.

## INTRODUÇÃO

O materialismo histórico como teoria social veio elucidar o debate sobre a relação existente entre trabalho e educação na sociedade capitalista, inicialmente nas contribuições de Marx e Engels, tendo sido ampliada mais tarde por Gramsci nos escritos dos cadernos do cárcere. O pressuposto central do trabalho como categoria fundante do homem é o ponto de partida dessa perspectiva.

A centralidade do trabalho na concepção da história em Marx, presentes nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*, na *Ideologia Alemã* e em *O Capital*, coloca a categoria trabalho no centro da teoria marxiana. Não só o trabalho como produtor de riqueza, mas em especial como atividade ontológica fundamental do homem. O pleno desenvolvimento da manufatura na Inglaterra e seus desdobramentos na evolução do sistema social capitalista fez a instrução escolar tornar-se o centro do processo da aprendizagem como forma dominante na sociedade moderna.

É nesse quadro histórico, de intensificação da exploração do trabalho, que Marx consegue estabelecer relação entre a escola a indústria. Mesmo não tendo a preocupação de elaborar uma teoria pedagógica tal como fez com a economia política, a questão educacional já aparece no *Manifesto Comunista* como discussão importante.

E a sua educação?! não é ela também social e determinada por condições sociais sob as quais você educa, por intervenção, direta ou indireta, da sociedade, nas escolas etc? Os comunistas não inventaram a intervenção na educação. Eles procuram alterar o caráter dessa intervenção e resgatar a educação da classe governante. (MARX, 1998, p.39).

O enfoque tratado nas obras de Marx, mormente a educação, desenvolve-se dentro da tendência histórica do capitalismo na Europa em massificar a instrução pública, reduzindo-a ao preparo das classes populares às objetivações da grande indústria. As relações de produção têm, no processo educativo, um nexo cada vez mais estrito para o uso de novos domínios tecnológicos. Tal avanço é captado por Marx quando propõe e recomenda à classe trabalhadora junto à Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) uma maior participação no currículo escolar, assim como combate a intensa exploração do trabalho infantil pela indústria.

Para se educar, os jovens poderão recorrer rapidamente todo o sistema produtivo, a fim de que possam passar sucessivamente pelos diversos ramos da produção segundo as diversas necessidades e suas próprias inclinações. Por ele, a educação os libertará do caráter unilateral que imprime a cada indivíduo a atual divisão do trabalho. Desta forma, a sociedade organizada, segundo o modo comunista, dará aos seus membros oportunidades para se desenvolverem tanto os seus sentidos como as suas aptidões. O resultado é que, necessariamente, desaparecerá toda a diferença de classe. Por isso, a sociedade organizada segundo o modo comunista é incompatível com a existência de classes sociais e oferece diretamente os meios para eliminar tais diferenças de classe. (MARX, 2010, p.106).

No mesmo sentido, Gramsci ao discutir as relações sociais na sociedade capitalista, também, tem uma preocupação em conferir à educação profissional um lugar estratégico no campo da reprodução e transformação social. Do ponto de vista teórico-metodológico, Gramsci consegue desenvolver uma concepção pedagógica mais complexa. Tal preocupação fazia-se presente em suas cartas, quando destacava à sua mulher a importância da educação, em especial, de seus filhos Délio e Giuliano.

Para além dos interesses pela questão educacional, Gramsci pôde, pelo contexto de desenvolvimento do capitalismo no século XX e dentro de um “estado ampliado”, situar teoricamente o papel da educação no processo de reprodução e transformação da sociedade capitalista. Sua elaboração teórica significou uma ampliação da concepção marxiana. Do ponto de vista da tarefa de transformação radical da sociedade, Gramsci evoca a necessidade da classe trabalhadora travar uma disputa pela conquista do poder. Para tanto, tal feito só se realizaria pela busca da hegemonia.

Nesse sentido, a pesquisa desenvolvida busca nas análises dos clássicos da teoria marxiana, como também nos estudos contemporâneos, situar a importância histórica de Gramsci para o campo de estudo das relações sociais do capitalismo deste século, sua relação com os processos de instrução escolar e as políticas educativas para a classe trabalhadora. A consulta ao seu pensamento nos permite reconhecer a atualidade de seu legado para formação

do pensamento crítico acerca da relação trabalho e educação , o que sem ele certamente haveria uma lacuna inevitável.

## **FORMAÇÃO HUMANA E DUALIDADE: PERSPECTIVAS E ALTERNATIVAS PARA UM NOVO PROJETO HEGEMÔNICO.**

O contexto capitalista observado por Gramsci na Itália nas décadas de 1920 e 1930 o permitiu compreender o poder dos aparelhos ideológicos do Estado. Na obra *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, Gramsci chama atenção para o modo como a escola torna-se um espaço de assimilação dos valores da classe dominante e como a proliferação das escolas profissionalizantes vinha oferecendo uma formação unilateral para a classe trabalhadora.

A reforma de Gentili na educação da Itália, resultante da aproximação da instrução escolar aos processos produtivos como necessidade histórica do capitalismo, é discutida por Gramsci como um esforço da classe dominante em determinar a cultura burguesa como a cultura legítima, oferecendo uma formação social para o trabalho fabril. É nesse momento, de crítica à educação restrita, unilateral e praticista , que Gramsci percebe a educação como uma preocupação do Estado, como política pública. Ele coloca que a educação escolar nas sociedades modernas incorpora-se como uma ferramenta para o domínio do capital sobre o trabalhador na medida em que seu guardião, o estado, preocupa-se em oferecer instrução a grande massa.

É nesse novo contexto das sociedades ocidentais que Gramsci validou e legitimou o embate no campo cultural e ideológico para a superação do modo de produção capitalista. Isso é uma inovação no âmbito marxista. Porém, não representa um abandono da parte de Gramsci da visão marxiana de que o Estado é um aparelho de classe e expressa em suas estruturas e em suas ações político-ideológicas e burocrático-legais-institucionais as relações materiais de produção. (MARTINS, 2008, p.135).

A escola como instrumento de reprodução e transformação social garante, portanto, a melhoria da produtividade, pois a formação profissional oferecida por ela diminui o tempo de produção de uma mercadoria, reduzindo o custo de produção, conseqüentemente

umentando o lucro do industrial. Desta forma, a contradição capital *versus* trabalho tem na escola um momento histórico fundamental. Ela se apresenta como uma conquista das classes menos favorecidas; é reivindicada pelas massas mas, ao mesmo tempo é responsável pela perpetuação de suas condições sociais. O esfacelamento dos processos produtivos explica, em parte, como a formação técnica dos trabalhadores foi responsável pelo distanciamento teórico-prático do homem trabalhador, pois o aprofundamento do modelo dualista de escola na modernidade tratou de separar ideologicamente as classes sociais no campo educativo o que na vida produtiva, na produção da riqueza já havia sido realizado.

As análises de Marx acerca do ensino e de sua relação com o trabalho tiveram como motivações situar sua importância diante do pleno desenvolvimento da produção industrial capitalista na Inglaterra, mas também como urgência em superar a propriedade privada, a divisão social do trabalho e a eliminação da educação unilateral Manacorda (2010). É no chão da fábrica que Marx propõe o rompimento do adestramento do operário dentro dos moldes da unilateralidade, na união do ensino e trabalho como estratégia de articular vida produtiva, ciência e tecnologia. Eis aqui a proposta da politecnicidade, que atribuída a Marx a sua originalidade, vem permear ao longo de todo o século posterior a luta por outra forma de educação: a socialista.

Mas em que consiste a educação politécnica em Marx? A princípio, essa definição vem aparecer mais claramente nas *Instruções aos Delegados* e n'*O capital*, no *Manifesto Comunista*, é definida como uma educação que desse aos indivíduos diversas ferramentas à sua integralidade. Essa, compreendida como a oferta de três tipos de atividades escolares: o primeiro é o ensino intelectual, o segundo a educação física ou corporal e o terceiro o ensino tecnológico.

Sem desmerecer o segundo aspecto, o da educação física, no qual Marx tinha por certo uma justificativa em defendê-lo, destacamos dentro da proposta socialista de educação o primeiro e o terceiro ponto. Primeiro por esses dois aspectos representarem os dois polos fundamentais para o desenvolvimento da produção, da ciência e da tecnologia e segundo que a sua separação foi responsável pela existência de duas escolas: uma da burguesia e a outra da classe operária. O mundo da produção, portanto, é a base teórica de Marx sobre a sociedade capitalista e não poderia ser diferente quando direciona-se à educação, especialmente, às

classes populares.

A união trabalho e ensino aparece nas sociedades capitalistas como o germe da educação do futuro já presentes nos escritos de Robert Owen. O que Marx de fato demonstrou foi que a educação poderia servir a outros interesses que não fossem apenas aqueles ligados ao mundo da produção de mercadorias, sendo ela aberta à construção de novas possibilidades, justificando-se, portanto, a universalização de uma escola que desenvolvesse no aluno potencialidades físicas, intelectuais e tecnológicas.

Com a revolução industrial, a máquina aumentou o número de assalariados e provocou uma “devastação intelectual”, com o afastamento do operário da escola. No caso específico da Inglaterra, nos primórdios de sua industrialização, aquele fenômeno obrigou o Parlamento a fazer do ensino primário a condição legal para o uso 'produtivo' das crianças. (JESUS, 2005, p.49).

O desenvolvimento intenso da manufatura provocou certamente a luta por ampliação da instrução escolar. Esse movimento é provocado pela modernização da base técnica da produção e seu crescimento exigiu um maior número de operários trabalhando em diversas outras funções intelectuais. Essa diversificação atingiu duramente as famílias dos operários, tendo, a grande indústria, utilizado a força de trabalho de mulheres e crianças na produção fabril.

A união de ensino e trabalho tem então duas possibilidades expostas por Marx: uma dentro dos limites do capital e se expressa na contradição capital *versus* trabalho, e uma outra que desenvolve-se no terreno de uma sociabilidade alternativa, sendo essa segundo Marx, uma construção da luta de classes. A organização da classe trabalhadora proposta por Marx favorecia o pleno desenvolvimento das potencialidades humanas assim como fornecia aos homens a derrubada da divisão social do trabalho. A politecnicidade tem nas contribuições de Marx um marco inicial de um outro tipo de ensino tecnológico. Esse talvez seja o seu conteúdo pedagógico mais inovador para o campo da teoria social moderna.

Ainda nessa problemática, de discussão das propostas do campo marxiano, o termo politecnicidade tem sido compreendido como o domínio de diversas técnicas. No entanto, o sentido da politecnicidade em Marx tem outro significado: o político, e esse entendido como forma

de intervenção no mundo pela instrução e, conseqüentemente, da teoria e da prática, de uma práxis revolucionária.

Segundo se observa, o princípio da união trabalho e ensino cumprem duas ordens de preocupações diferentes: imediatamente, ele é pensado como antídoto contra a divisão do trabalho e como momento de formação do proletariado; como projeto futuro, ou seja, na sociedade livre, ele aparece como princípio imanente às novas relações de produção que aboliram a propriedade privada, que extinguiram o antagonismo de classes e que, conseqüentemente, não conhecem mais a radical separação entre a teoria e prática. (SOUSA JÚNIOR, 2010, p.49).

Evidente que o caminho apontado por Marx para a elevação do nível de consciência da classe operária não se restringia ao domínio teórico-prático. Sua insistência, no que refere a educação politécnica, ou seja, de acordo com os interesses dos trabalhadores, era parte do processo de elevação da consciência de *classe em si* para a consciência de *classe para si*. Suas colocações a respeito da educação tecnológica consistiam em quebrar com o modelo estreito da educação unilateral, de um domínio simples, praticista, resumida ao desempenho de tarefas estritamente técnicas. Sua concepção defendia, portanto, uma educação em que o elemento intelectual estivesse presente no percurso formativo, embora esse fosse direcionado pelo elemento político revolucionário.

Seguindo a orientação marxiana, Lenin traz ao campo pedagógico uma importante contribuição para formação teórica marxista. Ele reforça a tese que sustenta a necessidade da relação trabalho/educação presente em diversos programas educativos da experiência socialista russa no século XX. Manacorda (2010) enfatiza essa tese quando diz que Lenin era discípulo de Marx e completa:

“Lenin, efetivamente, foi o primeiro e o único a retomar essa análise marxiana, em especial em dois momentos da sua vida: uma primeira vez, durante a extraordinária fase intelectual de sua juventude,[...]e uma segunda vez, no momento da tomada de poder pelos bolchevistas” .(MANACORDA, 2010, p.59).

Manacorda, ao declarar Lenin como único e primeiro a retomar Marx, referia-se à

experiência real de um Estado socialista. Ainda antes da revolução de 1917, Lenin defendia, junto ao Programa do Partido Social Democrático Russo, leis que tornariam obrigatório aos industriais a oferta de escola para os filhos da classe operária; em 1903, defendia a tarefa de uma juventude revolucionária numa relação escola/política e, por fim, no “I Congresso Para Toda a Rússia Sobre a Instrução”, afirma que a instrução pública deveria ser parte do campo de lutas.

Lenin trouxe um elemento importante no debate de uma educação socialista, a cultura. A emancipação intelectual do proletariado seria a principal tarefa da instrução num estado socialista. Carvalho (2008) elenca quatro importantes fundamentos do marxismo leninista para a pedagogia socialista, a saber: a reforma pedagógica, a educação política, a prática social do educador comunista e a transformação estrutural da escola.

As teses políticas e pedagógicas de Lenin teriam, mais tarde, influenciado o pensamento político ocidental marxiano no plano da luta de classes e da educação como crítica ao modelo escolar do capitalismo de seu século.. Assim como Lenin, Gramsci trouxe, para o centro da interpretação marxiana, a cultura como elemento primordial no processo de transformação radical da sociedade capitalista. Suas posições vieram romper com as teses do marxismo economicista ao colocar o conceito de hegemonia e luta hegemônica como necessidade histórica de superação do capitalismo do início do século XX.

Dentro da tradição marxiana, é provável que nenhum outro grande teórico materialista tenha tido uma preocupação com a educação como Gramsci. Isso não apenas na educação escolar, mas, sobretudo, na educação em sentido mais amplo, o de conceito relacional do ato de educar com as relações hegemônicas que se desenvolvem no seio da sociedade capitalista. O núcleo das relações de hegemonia para Gramsci são as atividades culturais que agem de forma educativa na perpetuação do modo de vida social.

... o que já pode ser detectado ao logo nas páginas iniciais dos *Cadernos do Cárceres*; a saber, que as relações educacionais constituem o próprio núcleo da hegemonia, que qualquer análise da hegemonia necessariamente implica um cuidadoso estudo das atividades e das instituições educacionais e que nem as complexidades da hegemonia nem o significado da educação podem ser entendidos enquanto se pensar a educação exclusivamente em termo de

'relações escolares'. (COUTINHO, 2003, p.47)

A relação dialética da estrutura com a superestrutura permeia todo o pensamento de Gramsci, ele não abandona a tese principal de Marx de que a econômica é a base da dominação. Para ele, a dominação capital sobre o trabalho não se encerra em si mesmo, há um momento na história que a exploração econômica necessitou de outras formas de dominação para que a estrutura social se mantivesse.

Essa relação entre a estrutura e a superestrutura é vista por ele como uma necessidade das classes dominantes em se manter como classe dirigente. Gramsci, por vivenciar um conjunto de transformações políticas e econômicas mais avançadas que Marx, consegue articular do ponto de vista metodológico como o estado tem um papel de defender os interesses da classe dominante burguesa e, conseqüentemente, dar destaque à superestrutura no conjunto de suas posições. Martins (2008) defende que o que Gramsci fez foi rearticular e dá-lhe novo significado na relação entre estrutura e superestrutura como fez o marxismo originário, lembrando Marx quando dizia que a realidade concreta é uma “síntese de múltiplas determinações”.

Gramsci então dá ao momento da superestrutura uma importância maior em virtude da complexidade na qual os aparelhos ideológicos do Estado exercem uma influência poderosa no constructo do senso comum que, sendo uma visão de mundo encalcada pelas instituições da superestrutura, que figuram como forma legítima de aceitação da estrutura social das classes dominantes às classes subalternas. Martins (2013, p.15) enfatiza essa característica da teoria social de Gramsci: “Eis uma característica marcante do marxismo gramsciano: as formações econômicas e sociais não são determinadas exclusivamente pelos movimentos da estrutura, mas na dialética relação da base material com a superestrutura social”. Posição também compartilhada por Bobio (1982), ao classificar Gramsci como um teórico da superestrutura.

O fio condutor de todo o processo de dominação das classes dominantes é a ideologia. O senso comum seria a forma que os aparelhos do estado e da sociedade se utilizaria para fornecer às classes subalternas uma visão de mundo fragmentada e incompleta da realidade.

não filósofos”, isto é, a concepção do mundo absorvida acriticamente pelos vários ambientes sociais e culturais nos quais se desenvolvem a individualidade moral do homem médio. O senso comum não é uma concepção única, idêntica no tempo e no espaço: é o folclore da filosofia e, como folclore, apresenta-se em inumeráveis formas; seu traço fundamental e mais característico é o de ser uma concepção (inclusive nos cérebros individuais) desagregada, incoerente, inconsequente, adequada a posição social e cultural das multidões das quais ele é a filosofia. (GRAMSCI, 2011, p.148).

A vinculação entre a estrutura e superestrutura não se dá de forma automática como observa Portelli (1977). Ela é uma passagem qualitativa entre o momento puramente econômico ao ético-político, conceito esse denominado por Gramsci como *Catarse* que nada mais é que a passagem da objetividade para a subjetividade ou da necessidade para liberdade. Esse caminho é, na sociedade capitalista, permitido pelo agente Estado, que Gramsci elaborou como sendo a síntese e o resultado de sociedade política mais sociedade civil que por meio dele se exerce a hegemonia.

Coutinho (2011) defende a *catarse* como a categoria principal no pensamento de Gramsci, pois essa transição do momento puramente econômico para o ético-político é resultante do processo de disputa hegemônica. Esse processo *catártico* nada mais é que a projeção dos indivíduos e grupos para uma nova consciência, desenvolvida pelo entendimento da formação econômica e social nela imersos para a transformação dela.

Nessa relação entre a estrutura e superestrutura, Gramsci entende que ela não se dá de modo mecânico, embora seja tendencialmente o desenvolvimento da outra. A superestrutura não é um simples reflexo da estrutura, mas é carregada de todas as características dela, é o momento político na qual flutuam todos os conflitos de interesses de classe. Dentro dessa organicidade, a superestrutura conta com a colaboração dos intelectuais orgânicos para a manutenção do bloco histórico, ele se situa entre os sujeitos das classes fundamentais, ou seja, entre a burguesia e o proletariado, e sua função é exercer a hegemonia.

O conceito de hegemonia, como conceito original que Gramsci desenvolve para o marxismo e para a ciência política é a atividade na qual os intelectuais orgânicos de uma sociedade têm de se preocupar. Esses são funcionários da superestrutura (GRAMSCI, 2011) e

exercem sua influência por meio dos aparelhos dela para a consolidação de sua hegemonia enquanto classe social. Sua tarefa é a direção ético-política da sociedade através de ações culturais do mundo classista que estes pertencem.

Ao intelectual orgânico, cabe a função de mediar a relação da estrutura por meio da superestrutura em todo o tecido social, buscando consolidar e difundir a visão de mundo da classe hegemônica, dando-lhe uma direção moral e intelectual de acordo como o modo de produção que o representa. Portanto, ele pode estar a serviço da burguesia tanto quanto da classe trabalhadora e age em todos os aparelhos ideológicos a exemplo dos sindicatos, da imprensa e da escola. O resultado de sua ação é a solidificação do bloco histórico ou a superação do velho por um novo bloco.

Esse processo desenvolvido por meio da 'sociedade civil' guarda dimensões éticas e educativas. Éticas no sentido de que os aparelhos da 'sociedade civil', na realidade capitalista que se consolidou ao longo do século XX, visam adequar a ação individual e coletiva, tendo como referência a visão de mundo da classe dominante; e educativas porque tal processo depende, também, da difusão e da assimilação, pelo coletivo social, da visão de mundo da classe dominante, o que é feito pelos processos educacionais, seja por meio do aparelho escolar, seja por meio de outros aparelhos e processos educacionais não escolares. (MARTINS, 2011, p.142).

Ao elaborar o conceito do intelectual orgânico, Gramsci evidencia os processos educativos que se desenvolvem na sociedade capitalista. Ele considera a imprensa e a escola as principais instâncias da superestrutura, situando a escola como um espaço privilegiado de formação de novos intelectuais em diversos níveis. Diz também que a complexidade de intelectuais dependerá da quantidade de escolas e da diversificação em níveis de educação em uma determinada sociedade (Gramsci, 2011).

Gramsci consegue, em função do avanço do capitalismo do século XX, na Itália, enxergar com muita clareza o caráter dualista da escola. Com efeito, ele não só propõe a união trabalho/ensino como Marx e Engels o fizeram, mas vai além quando propõe o humanismo como elemento do currículo escolar. As diferenças entre eles são esclarecidas por

Manacorda (2010), quanto à questão do trabalho industrial. Em Gramsci, não há uma defesa da inserção de crianças na fábrica e a união trabalho e ensino se daria de forma autônoma no processo escolar.

Há também outra diferença entre as proposições de Marx e Gramsci quanto à questão da educação profissional. Marx, pelas razões já apontadas, defende a educação profissionalizante nos primeiros anos da educação básica. Já Gramsci expõe em duas perspectivas, uma nos anos iniciais de uma escola tipo humanista, tendo a cultura como centro do percurso educativo de formação do ser capaz de dirigir; e a outra no nível especializado-profissional na universidade.

Ao lado da denúncia de dois tipos de escolas, Gramsci desenvolve o conceito de escola desinteressada. A educação burguesa tratou de fundar uma escola interessada, ou seja, uma educação que tornassem seus filhos continuadores e dirigentes da sociabilidade capitalista e outra profissionalizante dirigida aos trabalhadores, articulando educação e trabalho na forma como lhe convém. Foi isso que motivou Gramsci a criticar a proliferação das escolas profissionalizantes na Itália no início do século XX.

Assim Gramsci caracteriza a tendência profissionalizante como uma “degenerescência da escola”. Poucos autores terão proposto uma argumentação, em termos de princípios, tão severa contra o ensino profissionalizante. Para Gramsci, a escola profissionalizante é uma forma imediatista de sujeitar a socialização das crianças e dos jovens, a formação dos homens, à lógica da produção e, portanto à lógica do capital, o que resulta, nas sociedades capitalistas, enrijecimento das diferenças sociais. (MOCHCOVITCH, 1990, p.55).

A sua posição se justifica pelo tipo de escola profissionalizante e não pela existência em si dela, é claro isso, pois ele a propõe em outro nível de ensino, no universitário. A defesa da escola unitária consiste portanto na defesa de uma educação desinteressada, de uma formação cultural e propedêutica, de uma cultura com vista a elevação cultural das massas e que tivesse o trabalho como elemento articulador. Propedêutica no sentido de dotar as classes populares dos conhecimentos necessários a sua emancipação social. Martins (2013, p. 29) coloca que começa, portanto, a ganhar mais clareza no desenvolvimento do pensamento gramsciano a ideia da necessária unidade entre cultura e trabalho, humanismo e tecnologia

como a característica de um almejado processo de formação para o proletariado.

## CONCLUSÃO

A finalidade do processo educativo em Gramsci é, portanto, a união de um ensino humanista de cultural geral com o ensino tecnológico/intelectual. A escola unitária deveria ser assumida pelo Estado como fonte de financiamento, deixando de existir a escola privada e passando a ser unicamente pública, pois somente com o fim da educação privada a educação passaria a ser democrática sem distinção de classes.

Um ponto importante, no estudo da organização prática da escola unitária, é o que diz respeito ao currículo escolar em seus vários níveis, de acordo com a idade e com o desenvolvimento intelectual moral dos alunos e com os fins que a própria escola pretende alcançar. A escola unitária ou de formação humanista (entendido esse termo, 'humanismo', em sentido amplo e não apenas em sentido tradicional), ou de cultura geral, deveria assumir a tarefa de inserir os jovens na atividade social, depois de tê-los elevado a um certo grau de maturidade e capacidade para a criação intelectual e prática e a uma certa autonomia na orientação e na iniciativa.(GRAMSCI, 2011 p.215).

A escola única de Gramsci, no lugar de servir como reprodutora da cultura burguesa, de seu modelo de sociedade, servirá de base para a transformação radical nas relações sociais. Sua efetivação não se dará apenas no nível pedagógico, mas, sobretudo no nível cultural. Gramsci pensou esse tipo de escola em outra sociedade, livre da propriedade privada, que pensassem a formação de um novo intelectual, o operário. O trabalho como princípio educativo, portanto objetivava a ligação entre ciência e tecnologia para a satisfação das necessidades físicas e espirituais de todos os homens, eliminando a unilateralidade da escola burguesa.

## REFERÊNCIAS

BOBBIO, Norberto. **O Conceito de Sociedade Civil**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1982. 76p.

COUTINHO, Carlos Nelson; TEIXEIRA, Andréia de Paula. **Ler Gramsci, entender a**

**realidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. 293 p.

\_\_\_\_\_. **De Rousseau a Gramsci.** São Paulo: Editora Boitempo, 2011. 179 p.

GRAMSCI, Antonio. **O leitor de Gramsci.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. 375 p.

JESUS, Antonio Tavares de. **O Pensamento e a Prática Escolar em Gramsci.** 2 .ed. Campinas: Autores Associados, 2005.129 p.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a Pedagogia Moderna.** 2 .ed. Campinas: Alínea Editora, 2010. 216 p.

MARTINS, Marcos Francisco. Gramsci, Os Intelectuais e Suas Funções Científico - Filosófica, Educativo-Cultural e Política. **Revista Pro-Posições**, Campinas,v.22,n.3 (66),p.131-148,set./dez.2011.

\_\_\_\_\_. **Marx, Gramsci e o Conhecimento.** Campinas: Autores Associados, 2008. 325 p.

\_\_\_\_\_. Gramsci, Filosofia e Educação. **Revista Práxis**, Ponta Grossa, v. 8,n.1, p.13-40, jan/jun.2013.

MARX, Karl. **O Manifesto Comunista.** São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998. 67 p.

\_\_\_\_\_. **Textos Sobre Educação e Ensino.** Campinas: Navegando, 2010.112p.

MOCHCOUJTCH, Luna Galano. **Gramsci e a Escola.** 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1990. 80 p.

PORTELLI, Hegues. **Gramsci e o Bloco Histórico.** 6.ed. Rio de janeiro: Editora Paz e Terra, 1977. 185 p.